

EDITORIAL

No Brasil, o ano de 2015 trouxe novos posicionamentos na política, ajustes econômico-financeiros e a perspectiva de adaptações sociais relacionadas a empregos e salários. Diante deste cenário, lembramos um ditado chinês que aponta que toda crise gera oportunidades, deste modo, para acompanharmos esta dinâmica precisamos estar atentos, unidos e garantir apoios.

Considero que neste primeiro semestre, a ABPP SP movimentou-se para percorrer novos caminhos, também manteve e ampliou o movimento de divulgação da Psicopedagogia no Estado de São Paulo, e no atendimento ao associado.

Iniciamos uma assessoria técnica à equipe da Colmeia, sobre avaliação e divulgamos no Facebook as vagas para estágio em Psicopedagogia, nesta instituição.

Estamos desde março de casa nova! A sede agora está localizada na Av. Dr. Arnaldo, 1690 - Sumaré - São Paulo, Capital. Neste novo espaço, realizamos reuniões de Diretoria e as reuniões de Conselhos Fiscal e Estadual. Os conselheiros que compõem a comissão de Ética e Reconhecimento estão fazendo adequação do estatuto da seção e os da Comissão Científica estão analisando os artigos acadêmicos de acordo com os critérios estabelecidos.

Em maio, realizamos a banca de titularidade onde pudemos viver momentos de emoção com o reconhecimento das associadas Fátima Queiroz Porto e Ariane Zanelli de Souza.

A diretoria ganhou novos membros com a vinda de Maria Lúcia Caruso como diretora secretária adjunta, Ymei Trench como diretora financeira adjunta, Ruth Nassiff como diretora cultural e a Sílvia Amara como assessora do Projeto Social.

Procuramos atender ao associado oferecendo novas possibilidades de pagamento da anuidade através do PagueSeguro. A página do site foi modificada tornando-a mais dinâmica e atrativa. Mantivemos a qualidade do atendimento imediato ao associado por e-mail, Facebook e Twitter.

A proposta da agenda cultural prevista para este semestre sofreu algumas mudanças e, nesta edição do Informa, vocês poderão conferir o resumo dos eventos realizados. Em março, de acordo com o nosso compromisso de descentralização, estivemos em São Sebastião, litoral de São Paulo, onde Maria Cristina Natel proferiu com muito envolvimento, a palestra para psicopedagogos e educadores da Secretaria de Educação. Em abril, a seção se apresentou para estudantes do curso de Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia da parceria Siesp e faculdade Facon. Em maio, iniciamos a parceria cultural na Colmeia, com a querida fundadora da seção SÃO PAULO, Mônica Hoehne Mendes, que conversou com

psicopedagogos, pais e profissionais de áreas afins sobre o tema "Dificuldades de Aprendizagem: um desafio colaborativo". Em junho, Débora Pereira, psicopedagoga e ex-presidente da Seção da Bahia, ministrou o curso Introdução ao Jogo Matriz Lógicas.

Convido você para mergulhar na leitura dos artigos que compõem esta publicação: o Colóquio de Cleomar Landim de Oliveira trata sobre o diagnóstico psicopedagógico e, na coluna Espaço Aberto, prestigiamos o texto da psicopedagoga e contadora de histórias Vera Lúcia S. S. Souza.

O Informa está repleto de boas sugestões de leitura e indicação de jogos, eles foram escolhidos com cuidado para sua atualização profissional.

Acompanhe e participe dos eventos da nossa Agenda Cultural!

Ótima leitura e grande abraço!

Sandra Lia Nisterhofen Santilli
Presidente da ABPP SP

**Contamos com a sua presença no
X Congresso de Psicopedagogia,
de 22 a 24 de outubro na FECAP em São Paulo!**

X Congresso Brasileiro de Psicopedagogia
Reflexões de conceitos e práticas psicopedagógicas
O aprender em diferentes contextos
22 a 24 de outubro de 2015
FECAP - São Paulo - SP

Agende essa data!
22 a 24
outubro 2015

www.congressoabpp.com.br

Empresa Organizadora
SOM
T+ 55 11 2042 1722
congressoabpp@somaeventos.com.br

UNIFIEO
UNIVERSIDADE FIEO

www.saopauloabpp.com.br

contato: 11 99513.1411



AGENDA CULTURAL

A agenda cultural do segundo semestre de 2015 atende às sugestões de tema registrados, no instrumento de avaliação, pelos participantes dos últimos eventos promovidos pela seção. Desde junho, com a palestra de Mônica Mendes, inauguramos a parceria institucional com a Colmeia- Instituição a Serviço da Juventude, e nestes próximos encontros esperamos encontrar você para juntos buscarmos atualização e troca de experiências.

2º semestre de 2015

Agosto

Jogos na Psicopedagogia – com Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

Setembro

Contribuições da Psicopedagogia para a prática em sala de aula. Ensinar e aprender: lição de casa para o aluno e o professor. - com a psicopedagoga Maria Cristina Natel;

Outubro

Banca de Titularidade

Novembro

Distúrbios e transtornos. O que precisamos saber? Como identificá-los? Como trabalhar? com o neuropsicólogo Prof. Dr. Elizeu Coutinho.

ESPAÇO ABERTO

Neste espaço divulgamos autores novos em Psicopedagogia. Artigos, estudos, relatos de-experiência poderão ser selecionados, inclusive de alunos de Psicopedagogia.

Literatura: Ponte para o saber

Sou professora, contadora de histórias, pedagoga, psicopedagoga e escritora de livros infantis. Nasci na cidade do Rio de Janeiro e, desde 1992, moro em Americana, São Paulo. A literatura sempre fez parte da minha vida. Quando criança eu adorava ouvir histórias, mais tarde meu "hobby" era escrever poesias, textos e histórias. Tinha prazer em colocar criatividade e sentimento em cada palavra desenhada no papel.

Acredito que a boa leitura colocada nas mãos das crianças, desde pequeninas, as levarão ao caminho da compreensão e do discernimento, sendo uma ponte para a educação e para o saber.

Desde os primeiros anos, a criança deve ter contato com os livros. É importante haver a conscientização dos pais, responsáveis e professores sobre o valor deste contato feito pelos pequeninos. Os livros são umas das mais preciosas fontes de saber que gera a educação social, psicológica e moral dentre as muitas áreas as quais ele abrange. Qualquer que seja a leitura infantil é válida, uma vez bem escolhida para a faixa etária a qual será destinada. Aos poucos, o acúmulo de informações trazidas pelos conhecimentos transmitidos com a literatura e suas ilustrações ricas em encantamentos preparam a criança para a vida.

Quando as crianças ingressam no ensino fundamental, o(a) professor(a) já tem maiores chances em trabalhar uma literatura mais elaborada, que exija maiores detalhes de atenção. É o momento de resgatar os bons textos fazendo com eles uma leitura diária, que pode ser em capítulos, quando o objetivo do professor é trabalhar a sequência da história, a continuidade e a atenção. Ou, uma poesia que incentive as crianças a se interessarem com este tipo de texto, se encantando com sua sonoridade e acostumando seus ouvidos a receber textos de variados gêneros, porém de alto valor literário.

A literatura proporciona o desenvolvimento de todo um processo educativo. A partir de uma história, um poema ou um conto o professor pode desenvolver projetos que podem e devem permear interdisciplinarmente o tema que está sendo estudado.

Quando o professor trabalha a leitura e a escrita com seus alunos, ele deve ter como objetivo levá-los a dominarem o código escrito com compreensão de modo que o aluno leia, entenda e escreva de maneira compreensível para todos. O pensamento lógico, a criatividade, a maneira correta de falar, o aumento do vocabulário, o modo de se expressar, tudo isso faz parte de um pacote educativo oferecido pelo contato com a literatura.

"A literatura para crianças tem que obedecer às diferentes fases do desenvolvimento intelectual..." CARVALHO, Bárbara Vasconcelos (1960: p.152). Podemos classificar em três as fases de interesse da leitura dos pequeninos: a egocêntrica, a racional, e a do realismo. A fase egocêntrica também chamada de fabulação vai dos 4 aos 7 anos de idade, quando a criança trabalha seu imaginário. Neste período a faculdade representativa supera o pensamento crítico. Tudo em torno do extraordinário lhe é encantador. Os espaços físicos que não existem no mapa, os personagens muito pequenos, os gigantes, os fazedores de coisas não comuns, as mudanças bruscas de comportamento, aliado ao drama no qual o personagem sofre até conseguir o desejado lhe é fascinante, deixando a criança com um prazer indescritível.

A segunda fase, dos 8 aos 11 anos, é a fase da ação, da socialização, do racionalismo, embora os prazeres dos contos maravilhosos tenham sempre um lugar reservado na preferência destas crianças. Esta fase é de transição entre a infância e a adolescência, portanto uma fase de inquietação. Os contos de aventuras, viagens heróicas e peripécias mirabolantes são leituras que as fascinam.

Dos 12 aos 15 anos estão os novos adolescentes vivendo a terceira fase da preferência literária. É a fase do realismo, do

drama sentimental. Os textos de José de Alencar, Taunay, Joaquim Manuel de Macedo e traduções de gênero romântico são as preferências destes jovens leitores. As características desta fase fazem parte da adaptação destes novos leitores ao acesso à literatura infantil e infanto-juvenil levando-os ao prazer da boa literatura.

Muito importante é a influência que vem do contador de histórias, por sua força ao ser veículo de transmissão do autor, sua maneira de expressar-se, sua linguagem, sua emoção, seu realismo, sua ação, que mesmo devendo ser simples, deve também ser poética e elevada.

O educador, estando a par das evoluções da criança dentro de sua faixa etária, certamente, terá maior facilidade em fazer uma escolha literária mais adequada para seus alunos de modo que eles possam, com maior interesse, chegar a resultados positivos na aprendizagem.

A ponte que liga a literatura à educação e ao saber tem uma riqueza de conhecimentos a serem adquiridos. Em todas as áreas podemos penetrar através da literatura bastando que, como professores, saibamos escolher o que lhes é propício. É proposto, através da literatura infantil, o desenvolvimento das estruturas específicas nas diversas áreas do conhecimento proporcionando à criança momentos de experiências cognitivas e de relacionamento social. Com ênfase na fantasia literária, o educador pode buscar o incentivo em novas técnicas de ensino que facilitem à aprendizagem, ao desenvolvimento crítico e social, à criatividade em todo o processo interdisciplinar que deve acontecer nas escolas atuais. "Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo..."

ABRAMOVICH, Fanny (1983: p.16).

É aí o momento mais importante desse processo de aprendizagem - a interpretação que a criança passa a ter da sua realidade sobre o mundo. Seu desenvolvimento enquanto pessoa crítica, ativa e consciente começa a ser estimulado quando ela, através da literatura e do uso da sua imaginação, torna-se agente transformador do mundo em que vive, manifestando e expressando suas próprias ideias.

Vera Lúcia Sarette Seléto de Souza

site: www.veraseleto.com.br

e-mail: escritoralivrosinfantis@gmail.com

ARTIGO

COLÓQUIO

O diagnóstico psicopedagógico é preparado após entrevista com os pais ou responsáveis; se foi a escola quem encaminhou, vamos até ela para ouvir a queixa da mesma; se a escola tem psicólogo entrevistamos o mesmo; entrevistamos também o aprendente quando adolescente, e se for uma criança fazemos a hora lúdica. Após isso, montamos a avaliação propriamente dita. Iniciamos a mesma aplicando o TERC - Teste de Representação Espacial do Corpo de Dr. David Rodrigues (2000). O teste em questão foi aplicado nos Centros de Motricidade Terapêutica da FMH e objeto de diversas monografias, o que forneceu um conjunto de informações essenciais à versão final disponível.

Bortner e Birth (apud Rodrigues, 2000) apontam a existência de dois subsistemas funcionalmente autônomos: um de reconhecimento e discriminação que se desenvolve previamente, e outro integrativo e representativo que se desenvolve mais tarde. Esta posição hierárquica que se alicerça nas concepções da Psicologia Genética, é basicamente seguida no Teste Experimental de Representação Espacial de Corpo, que apresenta: uma parte de Reconhecimento (Re) com uma concepção semelhante à prova de Topografia; uma parte de Construção (Co) com um âmbito semelhante à de Organização; e uma terceira parte de Representação (Rep) esta última solicita uma representação do corpo efetuada por intermédio de estruturas de tipo espacial (Rodrigues, 2000, p.124). O ponto dominante de observação neste teste se refere à representação, encontrando-se esta capacidade devidamente diferenciada e desenvolvida nas crianças entre cinco e seis anos. Por isso o teste foi elaborado de forma a ser respondido por crianças a partir dessa idade, sendo a amostra portuguesa, utilizada para sua validação, formada por crianças com idade entre seis e nove anos.

O TERC apresenta-se dividido em duas provas de dificuldade crescente: uma homolateral e a outra heterolateral. A imitação heterolateral de gestos é um critério muito usado em provas de esquema corporal (por exemplo, por autores como Berger-Lésine, Wallon e Luçart apud Rodrigues, 2000). É, ainda, uma importante indicação sobre a capacidade de a criança perspectivar o seu corpo em termos de uma crescente objetivação, isto é, como um objeto existencial diferente da sua própria existência corporal, e de uma crescente descentração, no sentido de uma progressiva capacidade de se colocar no lugar do outro e de analisar a validade com base em coordenadas virtuais (IBID, p. 125).

Na hora lúdica analisamos qual a fantasia inconsciente do transtorno ou dificuldade de aprendizagem, exploramos também as expectativas que ela tem a respeito da cura, e com o adolescente durante a entrevista realizamos provas gráficas. Feito isto, iniciamos a aplicação de testes: teste ritmo de Mira Stambak; motor de Giselle Soubiran, Vitor da Fonseca; Papel de Carta de Leila Chamat; TDE (Desempenho Escolar); Os Três Porquinhos (Estudo da causalidade e contradição, também da Leila Chamat; As provas Operatórias do Piaget; Avaliação da Compreensão Leitora de Textos Expositivos de Rosália Alvim Saraiva, Sônia Moojen e Roberta Munarski; Protocolo de Habilidades Cognitivo - Linguísticas.

Em casos de suspeita de inteligência aplicamos o Wisc III; fazemos uso de jogos e observamos como o aprendiz segue as instruções, como reage quando perde ou quando ganha (emoções), atenção as regras, paciência, e sua aprendizagem com as instruções.

Referência Bibliográfica

- 1 - RODRIGUES, David (2000) Corpo, espaço e movimento Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica;
- 2 - VISCA, Jorge Técnicas Projectivas Psicopedagógicas Santa Fe 3233, 1º Piso "19"(1425) Buenos Aires - Argentina - 3ª Edición
Pautas Gráficas para la Interpretación de las Técnicas Projectivas Psicopedagógicas

Cleomar Landim de Oliveira

Profª. Dra. em Psicologia CRP 06/93064
cleomarlandimdeoliveira@yahoo.com.br

ACONTECEU

A psicopedagogia, o ensinar e o aprender na atualidade

Em 2015, ABPp SEÇÃO SÃO PAULO abriu sua agenda cultural no dia 28 de março, na cidade de São Sebastião, litoral norte.

A psicopedagoga e Mestre em Ciências Maria Cristina Natel foi acolhida por uma plateia de psicopedagogos e professores muito interessada em compartilhar saberes sobre o processo de aprender e ensinar.

Sandra Lia Nisterhofen Santilli, presidente da ABPp SP, abriu o evento contando um pouco sobre a Associação Brasileira de Psicopedagogia SEÇÃO SÃO PAULO e convidando todos os participantes a conhecer ainda mais o nosso trabalho acessando nosso site, as redes sociais e associando-se.

Em seguida, Maria Cristina Natel explorou o tema "A psicopedagogia, o ensinar e o aprender na atualidade".

Embasada nos referenciais da Psicopedagogia e da prática educativa, Natel dialogou com esses fundamentos teóricos, convidando cada participante ora exercer o papel de aprendiz, ora de ensinante.

O público presente foi convidado a representar, por meio de desenho, uma situação de aprendizagem onde haja uma pessoa ensinando e uma pessoa aprendendo. A discussão psicopedagógica sobre esse processo foi muito rica.

Também foram abordados vários aspectos que causam impactos, nos dias de hoje, sobre o aprender e o ensinar. Nesse foco, percorremos diferentes âmbitos relacionados à ordem familiar e ordem escolar, ressaltando os diferentes contornos familiares, diversas práticas educativas, a profissão docente, novas posições da escola e novo perfil do professor.

Maria Cristina dialogou o tempo todo com o público, estabeleceu vínculos e deixou claro que ensinar, aprender e avaliar tem que estar sempre a favor da individualidade. Atualmente é preciso que haja prevalência dos processos de aprendizagem sobre os processos de ensino e aquele que educa tem que estar voltado para as ações e não só para os conceitos.

Foi nesse espaço de interlocução e de formação, utilizando jogos e brincadeiras e nos alimentando de saberes nas rodas de conversas estabelecidas que fomos, pouco a pouco, ressignificando ideias e práticas educativas.

Thaís Bechara

thaisbechara@gmail.com

Sonia M. M. Licursi

smmlicursi@gmail.com

diretoria de relações públicas ABPp- SP

Palestra com Mônica Hoehne Mendes

A ABPp - SP em parceria com a Colmeia - Instituição a Serviço da Juventude, recebeu com prazer Mônica Mendes, psicopedagoga, para dialogar sobre as "Dificuldades de aprendizagem: um desafio colaborativo".

As palavras de Mônica contribuíram à reflexão sobre as dificuldades de aprendizagem na perspectiva de um ensaio colaborativo entre família, escola e o psicopedagogo.

O conceito de dificuldades de aprendizagem está associado à falta de investimento e a motivação de nossos alunos, que permeiam as relações: família, professores, sujeito e o ambiente. Quando essas relações são conflituosas e não favorecem o aluno nas questões de aprendizagem com envolvimento, podem gerar obstáculos.

Além dos conflitos ou relações frágeis, as dificuldades de aprendizagem podem ser manifestadas porque algumas habilidades não foram estimuladas durante o desenvolvimento infantil.

Por vezes, esse aluno vive em sua trajetória escolar e familiar, uma marca de que ele não desempenha bem seus estudos, obtendo o fracasso escolar. Esse rótulo de aluno fracassado o distancia de sua realidade, paralisando seu aprendizado e seu fazer pedagógico. Aluno torna-se marginalizado da sala de aula, muitas vezes do ambiente escolar, do grupo, e na